

O Mito da Infocracia



A duplicidade com que encaramos as tecnologias – com uma confiança cega, quase fé e, ao mesmo tempo, com medo da novidade – é assimétrica a vários níveis e aumenta ainda mais o fosso de gerações.

Provoco os leitores, deliberadamente, com a leitura da bula de um medicamento que escolhi para abrir um dos capítulos do meu livro, *Sociedade Bit*:

“Dado que a fluoxetina tem o potencial de inibir a isoenzima citocromo P450IID6, a terapêutica com medicamentos que são predominantemente metabolizados pelo sistema P450IID6, e que possuem uma pequena janela terapêutica, deverá ser iniciada na dose mais baixa do intervalo terapêutico, se o doente estiver a tomar fluoxetina concomitantemente ou se a tiver tomado 5 semanas antes. Se a fluoxetina for adicionada ao regime terapêutico de um doente que esteja a tomar um desses fármacos, deve considerar-se a necessidade de diminuir a dose da medicação original”.

Que significa isto para qualquer um de nós, que estamos even-

tualmente doentes, mas não somos médicos nem farmacêuticos? Certamente algo muito importante, mas pouco esclarecedor.

À imagem e semelhança deste exemplo a Sociedade da Informação é, sem dúvida, muito importante... mas quantas vezes tão pouco esclarecida. Atualmente, o cidadão comum e anônimo tem cada vez mais informação mas paradoxalmente menor conhecimento, por isso saber produzir e saber gerir informação, não só é um desafio permanente, como também um autêntico imperativo categórico que impõe novas formas de abordagem e renovado capital intelectual, ou melhor, pessoas, cada vez mais bem preparadas face às diferentes realidades.

Vivemos atualmente numa sociedade de convergência e de relacionamento e, conseqüentemente, as novas tecnologias têm

um papel imprescindível a desempenhar. No entanto, as TIC (tecnologia de informação e comunicação) são instrumentos e não fundamentos, são ferramentas que têm necessariamente que ser humanizadas e disseminadas, mas atenção, mais do que a disseminação das máquinas, há que disseminar o uso e, conseqüentemente, a aplicabilidade.

A expressão “aldeia global” tem reforçado a sua existência com o incremento da Sociedade da Informação, termo utilizado demasiadas vezes, muitas delas enquanto confortável sinônimo de ausência de outras explicações mais objetivas.

Desde já, impõe-se uma reflexão em formato de pergunta: O que é então a Sociedade da Informação?

Ainda que uma definição em estado puro não exista, de acordo com os avanços registrados no campo do chamado emprego científico, fortemente hipotecado às novas tecnologias de informação e comunicação, esse termo ocorre para descrever a sociedade e a economia cujos protagonistas utilizam ao máximo as Tecnologias de Informação e Comunicação em todas as variantes da sua vida, profissional e pessoal.

Então, se assim é, vejamos uns quantos registros.

De acordo com a proclamação das Nações Unidas, 2005 foi o Ano Internacional da Física, entre outros. Para além de anos dedicados a certas temáticas, a Assembléia Geral das Nações Unidas também proclama Décadas e acabamos de entrar na Década Para o Desenvolvimento Sustentável, que termina em 2015. Entretanto, decorrem outras: Década para a Alfabetização, até 2012, Década Internacional Para uma Cultura da Paz e da Não Violência para as Crianças do Mundo, que decorre até 2010, Segunda Década Internacional para a Erradicação do Colonialismo, até 2010, Década para Reduzir a Malária nos Países em Desenvolvimento, particularmente na África, com fim também em 2010 e a Primeira Década para a Erradicação da Pobreza... que termina sem resultados práticos significativos este ano...

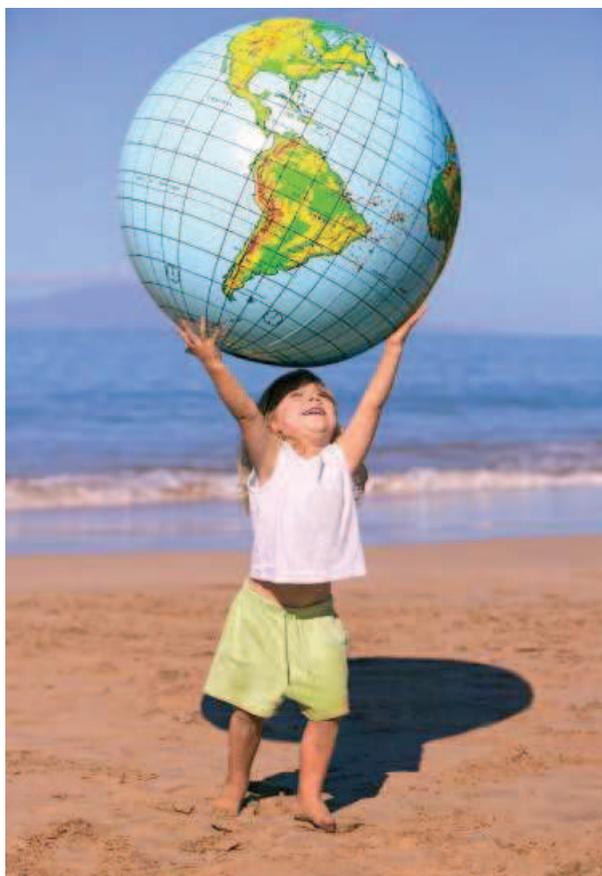
Continuemos, agora no campo exclusivo da saúde, e deixemos aqui outros registros quantificados: dia 7 de Abril de 2005, comemorou-se o Dia Mundial da Saúde, cujo lema foi a Saúde Materno Infantil; e as estatísticas são públicas: segundo a Organização Mundial de Saúde, dos 136 milhões de nascimentos anuais, menos de dois terços das mulheres dos países em desenvolvimento dão à luz com ajuda de profissionais. Anualmente morrem 529 mil mulheres por complicações de saúde derivadas da gravidez ou do parto. A cada ano que passa, 3, 3 milhões de crianças nascem sem vida e mais de 4 milhões morrem nos primeiros 28 dias de vida. Em 2005, aproximadamente 11 milhões de crianças até aos cinco anos morreram de causas previsíveis...logo, evitáveis na grande maioria!

Cabe então perguntar: Onde está a Sociedade da Informação?

Em face disto, vale a pena uma avaliação crítica do estado da arte: apenas 2% da população mundial detêm o acesso à Internet... mais de metade da população mundial nunca fez uma chamada telefônica... as ligações à internet em certos países são verdadeiras miragens, milhões de pessoas não têm acesso ao “petróleo do século XXI”, a água, nem à eletricidade.

Estes meros exemplos caracterizam a estranha ligação do mundo à tecnologia e provam que apenas olhamos o nosso umbigo quando paradoxalmente a globalização e os fenômenos globais nos preenchem conceitualmente e deveriam impedir que continuássemos a ver o mundo pela janela do nosso quarto.

Qual o papel da Sociedade da Informação nas horas perdidas nas urgências dos hospitais? Qual o papel da Sociedade da Infor-



(...) nunca se escreveu tanto quanto hoje, com ou sem erros, nunca os jovens comunicaram tanto entre si através das SMS e da expressividade dos *smileys*, transformados em novo esperanto de grafia universal.

(...) tal como a poesia não pode ser traduzida, antes recriada, também os novos símbolos educacionais não canibalizam ou desprezam a cultura tradicional, antes a enriquecem com novas abordagens e heranças patrimoniais num mundo globalizado.



mação nos guetos que crescem à volta das grandes cidades? Qual o papel da Sociedade da Informação numa Justiça que tem a imagem completamente desgastada e numa sociedade caracterizada pelo aumento assustador da criminalidade organizada?

Não sendo a Sociedade da Informação apenas um número maior de papéis e documentos, onde está afinal a verdadeira, a boa Sociedade da Informação? Onde está a característica 'limpa' desta nova sociedade onde todos parecemos estar, mas onde só alguns vivem?

Importa realçar que a "Sociedade da Informação" não pode limitar-se à info-qualificação e aos "routers", à "banda larga", à "fibra óptica" ou aos "micro-chips", ainda que daqui seja oriunda, no entanto é às pessoas que se destina e são estas que não têm estado preparadas para recebê-la, em casa, no contexto profissional, académico, social, entre outros, limitando-se a observar o trivial cartão de visita.

No atual tecido económico-social os processos burocráticos, na tradição do pensamento de Max Weber, devem assentar em novos pressupostos de organização e métodos e desenvolver novos paradigmas como sejam o já invocado capital intelectual e o mais recente dos paradigmas o "aprender a aprender", por isso, a excessiva valorização dos pressupostos técnicos leva a erros de avaliação grosseiros e ressuscita teorias ultrapassadas, tais como atribuir a chave da produtividade à linha de produção e à máquina, visão típica da Sociedade Industrial e da perspectiva taylorista.

A própria Sociedade da Informação é um conceito intermédio, é um meio e não um fim, uma ferramenta que não tem vida própria e deve ser vivida como uma Sociedade da Aprendizagem, pois a informação em si pouco vale se não for tratada e adequadamente aplicada, transformada em conhecimento, que permita gerar competências e fechar o triângulo do C³: Conhecimento, Capacidade e Competência.

Nos dias de hoje, aqui e agora, se renova o nuclear e preocupante paradoxo: cada vez temos mais informação, mas cada vez temos mais dificuldade de aceder ao verdadeiro conhecimento, cumprindo às organizações estatais e privadas preparar estratégias de eficácia para saberem produzir e, fundamentalmente, gerir a informação.

Por isso, a verdadeira Aldeia Global só se cumprirá e poderá tranquilamente mostrar as suas credenciais, quando a Sociedade de Informação constituir um degrau da meta que a todo o custo importa atingir: a Sociedade do Conhecimento, ultrapassada que está a Sociedade Industrial. Assim, não basta termos um alpendre para nos abrigarmos, temos que ter uma casa com telhado, garantindo que não falta também trigo na arca...

Para cumprir esse objetivo, mais do que a adaptação de estrangeirismos ao vocabulário do dia a dia, importa alterar compor-

tamentos, principalmente por parte de todos aqueles que têm responsabilidades sociais e que não podem esquecer que todos os recursos são finitos, só o verdadeiro conhecimento é o único capital inesgotável e a formação contínua (*life long learning*) a única metodologia ajustada aos novos desafios e à construção do novo homem, em oposição às visões pseudo-elitistas e atávicas daqueles que apesar de utilizarem discursos de modernidade continuam a refugiar-se em critérios formais e nas “diuturnidades” adquiridas como se antiguidade, nos dias de hoje, ainda pudesse ser um posto.

Mudou o estilo e a forma, os suportes e a rapidez do processamento da comunicação. A Internet e o correio eletrônico criaram um mundo novo e desafiam-nos para novas formas de escrita, obrigando-nos a novos códigos e a novas aprendizagens. Todavia, fabricaram também uma verdade ambivalente e há quem receie esta nova dimensão, de matriz tecnológica. Uns porque não conseguem ou não querem acompanhá-la, outros, ainda que aderindo, porque entendem que destorce as raízes culturais, com especial incidência no virtuosismo do patrimônio literário e lingüístico.

Temem também os mais velhos que a geração “game-boy”, a chamada tribo do polegar, não adquira as competências formais necessárias; no entanto, nunca se escreveu tanto quanto hoje, com ou sem erros, nunca os jovens comunicaram tanto entre si através das SMS e da expressividade dos *smileys*, transformados em novo esperanto de grafia universal.

Curioso, também, é o fato de uma larga percentagem de “Info-Incluídos” não depositarem ainda total confiança nas TIC, mesmo o tradicional fax, ou o ainda mais recente *out look* que assumem facetas irreais, expondo tantas vezes à incerteza e à necessidade de confirmação, sobre se determinada informação foi enviada e recebida. Como confirmação do permanente desequilíbrio verificado nesta matéria, perguntamos: quantos dos Info-Incluídos sabem usar um banco 24 horas na pluralidade das suas potencialidades? Quantos sabem usar por si só os recursos contidos numa Biblioteca? (e as bibliotecas existem há séculos!), quantos sabem consultar uma lista telefônica, um roteiro ou um mapa?

Ser Info-Incluído não é apenas ser utilizador das tecnologias, mas, antes de tudo, dominar competências básicas que nos permitam navegar na própria vida.

Apesar de sabermos que os computadores são infalíveis e os erros humanos, isto não significa qualquer tipo de fundamentalismo a favor da defesa elitista da tecnologia, antes pelo contrário, o que precisamos é simplificar essa mesma tecnologia, garantindo o seu uso generalizado, o seu verdadeiro papel social, para que possa ser utilizada como o ar que respiramos e isto não é assim tão descabido, basta lembrarmos da quantidade de pes-



(...) apenas 2% da população mundial detêm o acesso à Internet... mais de metade da população mundial nunca fez uma chamada telefônica... as ligações à Internet em certos países são verdadeiras miragens, milhões de pessoas não têm acesso ao “petróleo do século XXI”, a água, nem à eletricidade.

soas que usam chips que lhes são fisicamente introduzidos no corpo ou não, como as já vulgares pulseiras eletrônicas ou os chips para controle de consumo e de presenças em certas discotecas, por exemplo.

A duplicidade com que encaramos as tecnologias – com uma confiança cega, quase fé e, ao mesmo tempo, com medo da novidade – é assimétrica a vários níveis e aumenta ainda mais o fosso de gerações. Por exemplo, aquilo que para muitos de nós é um velho computador de primeira geração: um verdadeiro “compu-

tossauro”, para muitos outros se trata de uma das últimas inovações da tecnologia, ou seja, em termos muito práticos, se os poderes institucionais, em convergência com os interesses privados, não trabalharem arduamente de forma estratégica e pragmática, certamente que as gerações do futuro serão ainda bem mais analfabetas que as atuais...

Mas o que não é cotidiano para uns, é banal para outros e não é despiendo lembrar aqui uma nova doença que já consta dos compêndios médicos: LER - Lesão por Esforço Repetitivo. Esta lesão afeta os polegares devido à sua utilização maciça e compulsiva, por força do uso destes dedos em jogos de computador, consoles, *game boys*, mensagens via telefone celular, todas situações onde os jovens são campeões imbatíveis.

Ponderando as diversas perspectivas, não parece que o futuro seja sombrio e que as realidades sejam inconciliáveis, bem pelo contrário, tal como a poesia não pode ser traduzida, antes recriada, também os novos símbolos edu-comunicativos não canibalizam ou desprezam a cultura tradicional, antes a enriquecem com novas abordagens e heranças patrimoniais num mundo globalizado.

Pelos exemplos que aqui foram expostos e muitos outros que podem ser dados, concluímos que apenas uma ínfima parte da sociedade é iluminada pela luz da Sociedade da Informação e este mundo, repleto de abismos, ainda não tem as necessárias pontes que continuamente temos que construir e nas quais temos que fazer manutenção: entre as pessoas e a tecnologia mas, principalmente, entre pessoas e pessoas. E mesmo que aparentemente estejamos sob o calor generoso desta atual sociedade, agimos muitas vezes como se fôssemos completos ignorantes e os exemplos são banais e triviais: os números do câncer aumentam, mas nem por isso deixamos de fumar, sabendo que é uma das principais causas de câncer, senão a principal. A gravidez na adolescência, a autêntica guerra civil decorrente da sinistralidade rodoviária, a negligência com os mais velhos, a tentação das drogas, os atentados ambientais...

Olhar em redor, refletir, escrever, sentir o pleno direito de participar na denominada Sociedade da Informação, cidadãos do mundo por convicção, atentos à aldeia global em que estamos inseridos, decantemos o cotidiano através de um estatuto de cidadania que se pretende ativo e construtivo face às gerações vindouras.

As diferentes plataformas sociais, reais ou ainda virtuais, ao estilo do jogo da cobra, constituem uma espécie de roleta-russa, manietados por novas formas de estar que uns tanto festejam e outros tanto receiam, obrigando-nos porém a assumir a nossa condição global, ainda que continuemos a aprender a ler e a escrever com os tradicionais ditados e tabuadas, a exercitar o raciocínio através de técnicas de imitação e memorização.

Não podemos esquecer que mesmo nos círculos elitistas, a alta cultura sempre esteve associada aos grandes escritores e à troca epistolar, apta a fazer sentir renovados mundos de emoções com o rigor da tradição e das concordâncias gramaticais dos romances à antiga língua portuguesa.

Porém, nos dias de hoje, apesar destas premissas ainda serem válidas e nada substituir aquilo que nenhuma tecnologia ensina, o talento, muita coisa mudou e é nesta mudança que temos que embarcar sabendo, porém, que temos que conduzir a embarcação com uma visão holística.

A Sociedade da Informação tem que conseguir a universalização da prática desportiva, por exemplo, no sentido em que pode ser uma prática exercida por novos e velhos, mulheres e homens, nas cidades e nas aldeias, em todos os continentes. Mas, atenção, não podem ser uns a jogar e outros a ver, na assistência, ou seja, como diz a canção, um gume de dois lados, ou tudo ou nada.

Tenho a firme convicção que na verdadeira Sociedade do Conhecimento não teremos que ter medo, nem sequer será relevante não conseguir um emprego para toda a vida; relevante será, e aqui reside o verdadeiro cerne da questão, ter competências e condições de empregabilidade para toda a vida.

Para terminar, lembra-se aqui uma das mensagens lema de 2005 da Organização Mundial de Saúde, que diz respeito tanto a esta área como a outras: “Cada um de nós tem um papel a desempenhar e juntos conseguiremos!” Para que tal aconteça, acrescento eu, temos que querer com a razão, mas também com o coração, porque um sonho só o é enquanto não se transforma em realidade... afinal, aquilo que nos distingue dos animais irracionais, mais do que a capacidade de raciocínio, é a capacidade de sonhar.



Reginaldo Rodrigues de Almeida, doutor em Ciências da Informação; secretário geral da Universidade Autónoma de Lisboa e da Cooperativa de Ensino Universitário; Professor de Ciências da Comunicação.